

ADRIANO CARDOSO



SAINT LUGER

2006

Áustria, cidade de Graz, 2006.

Estamos saindo todos da fábrica, já é fim de tarde, 16:00h., para ser exato. As demissões continuam maiores do que nunca. Pudera, nunca estivemos tão fracos de pedidos como agora. Alguns dizem que é por causa da Índia e do extremo Leste, mas ainda acho que é uma grande artimanha dos donos para diminuir custos cortando pessoal. Bando de conformistas, isso é o que são, o resto dos empregados dessa empresa. É cada um por si e que o mundo se destrua.

Vejo na saída o grandalhão Jan, ele deve ter cerca de 50 anos, e já trabalha aqui há uns dez no mínimo. Preciso falar com ele calmamente.

- Senhor Jan! Como está? Tudo bem? – falo já estendendo a mão e cumprimentando-o.

- Humpf! – resmunga ele. O que é, Dieter? Não me venha com mais uma rifa, já te dei um carro popular de tanto que já comprei essas porcarias de você – diz ele com um leve sorriso no rosto e ajustando os seus óculos do tipo fundo-de-garrafão.

- Não – digo meio sem jeito. Nenhuma rifa para o momento. Ouvi dizer que você serviu ao exército e que seu filho também está nas forças armadas.

- Sim – responde ele friamente olhando para baixo.

- Então... Tenho um sobrinho que também está interessado em ingressar nesse honroso meio...

- “Honroso”? Ah, não tem nada de honroso no exército Sr. Kaufmann... só merda e morte. É só o que tem.

- Como assim?

Nesse momento chegamos cada um ao seu carro.

- Sr. Kaufmann. Amanhã é sexta-feira, me pague uma cerveja no bar que eu lhe conto tudo que o senhor quer saber sobre os milicos.

- Combinado.

No dia posterior, confesso que trabalhei com uma certa ansiedade, aguardando o momento da saída. Às 19:00h. chego no bar e já está lá Jan com sua jaqueta e camisa de regata. Pego uma cerveja e duas taças e me junto ao meu comparsa no ritual de alcoolismo dessa noite. Estamos em uma mesa redonda no canto do lugar, já é possível notar um avolumar de pessoas que chegam para o *happy hour*. É um local onde jovens de encontram, com certeza muitos namoros e casamentos fracassados se iniciarão hoje. Por isso me sinto meio deslocado nesse ambiente.

- Boa noite, Jan.

- Muito boa, Dieter – respondeu ele.

- Esse meu sobrinho ainda está com certa indecisão sobre o que quer fazer da sua vida...

- Mande-o estudar, ser advogado, médico, deixe-o fora do exército – interrompeu-me bruscamente.

- Mas seu filho está servindo, não está? – pergunto tomando o primeiro gole.

- Aquele bastardinho quis isso. Já foi fazer cursos nos Estados Unidos e tudo o mais. Eu falei pra ele que eu não queria isso, e ele me ignorou. Exatamente como fiz com meu pai há 30 anos...

- Entendo. Não foi você que nunca chegou a conhecer seu pai?

- Meu pai eu conheci, não conheci meus avós. Meus pais sempre evitaram falar sobre eles, e eu nunca me importei muito com isso.

Jan tira uma foto de um rapaz do bolso de sua jaqueta. Ele a olha por uns dois segundos e me mostra.

- Esse foi um dos melhores amigos que já fiz. Trouxe essa foto comigo hoje justamente para essa conversa. Porém esse pobre bastardo teve o que não mereceu. Estávamos em treinamento na base. Com granadas.

- Oh, Jesus! – derramo um pouco de cerveja no meu colo por desatenção, logo após limpo com o guardanapo, enquanto ele continua.

- Sim, você já pode imaginar o que aconteceu. O corpo dele explodiu em mil pedacinhos. Mas o melhor da história foi isso: os milicos culparam ele mesmo por sua morte. Disseram, e provaram posteriormente através de um “laudo” que o moleque demonstrou “imperícia no manuseio de equipamentos bélicos”. A família recebeu um punhado de marcos alemães e um “sinto muito pelo seu filho”, só isso.

Por um momento ele pára e reflete, tomando sua cerveja.

- É isso que o exército é, Sr Kaufmann. Merda e morte. Os merdas que estão com o dedo no botão vermelho é que mandam esses jovens pra invadir algum país “emergente” de terceiro mundo. Enquanto os filhos deles estão pagando por prostitutas em jantinhas particulares, os nossos estão sendo mutilados no *front*. É isso que é o exército, Dieter.

Depois disso ele se levanta da cadeira e se dirige à porta, claramente incomodado. Porém, isso é algo que não posso permitir que aconteça.

- Jan Eberhardt, vejo que você gosta de histórias de guerra, apesar de desgostar dos militares. Ainda, também tenho uma história que pode interessá-lo.

- Do que você está falando?

- De sua família. Ela corre grande perigo enquanto falamos, porém se eu te falar tudo o que sei agora, você não entenderia.

Ele apenas me olha com uma carranca enorme. Há muito atrás ele poderia me assustar, mas não agora, não mais. Ele sai porta afora empurrando um par de pessoas no seu caminho. Sem hesitar o sigo. Ao chegar do lado de fora, surpreendo-me com ele investindo violentamente contra mim.

- Moleque estúpido. Eu só saí do bar para poder te surrar sem me preocupar com os seguranças.

Ele dispara um soco que visa meu rosto. Durante o trajeto de sua mão cerrada, resolvo revelar-me. Seguro o seu punho antes que me atinja e não o deixo escapar. Ele arregala os olhos de surpresa.

- Que merda é essa!! – diz ele.

- Eu quero muito lhe dizer, mas não aqui, não agora.

- O que você sabe sobre minha família, seu filho duma égua??

Eu largo sua mão violentamente para o lado, aliviando a pressão que exercia sobre seus ossos.

- Vou dizer-lhe tudo que você quer saber. Mas aqui não é o lugar correto. Vamos caminhar... – a princípio ele fica ali incrédulo tentando entender o que aconteceu. Faz certo gesto sugerindo uma despedida, porém pára um segundo depois.

- O que você sabe? Não vou a lugar algum sem você me dizer – ele diz com os dentes cerrados.

- Você quer ter sua família morta com uma pilha de cadáveres acompanhando-a ao inferno?

- Falo com muita seriedade olhando fixamente nos olhos dele. Ele sabe que não estou mentindo. Nisso apenas ponho-me a andar. Momentos depois ele me acompanha.

Saímos da frente do bar e começamos nossa pequena jornada. Jan ainda está obviamente muito desconfortável com a idéia de me acompanhar para que eu revele aquilo que sei. Ele retira um charuto do bolso interno da sua jaqueta e o acende, decerto na esperança de acalmar seus nervos. Ah, se ele soubesse...

- Sr. Eberhardt. O senhor gosta de futebol, não gosta?

Ele apenas continua caminhando cabisbaixo, carrancudo. Sei que gosta do esporte, pois já o vi discutindo furiosamente com colegas sobre o tema.

- Eu gostava muito de Rudolf Hiden, jogador da década de 30 do Grazer AK... – digo a ele com ar de saudosismo.

Ele apenas resmunga algo ininteligível.

- Ah! Emanuel Pogatetz. Eis um bom jogador de futebol...

- Ele está na Inglaterra agora, certo? – pergunto.

- Sim, ele está de lateral esquerdo do Middlesbrough. Mas antes teve uma passagem pela Rússia. Ele fora emprestado para o Spartak de Moscou. Dizem que horas antes do último jogo pelo clube, ele descobrira que a mulher dele teria traído ele duas noites antes. Quando entrou em campo e iniciou-se a partida, ele se viu marcado firmemente pelo lateral da equipe rival. E esse jogador insistia em dar cotoveladas em Pogatetz sem o juiz perceber. Quer dizer, veja bem, ele já estava puto pelo fato da sua mulher ter-lhe posto um par de chifres na cabeça, e agora tinha esse lateralzinho de merda batendo nele sorrateiramente. É uma situação irresistível, há de convir. No final do primeiro tempo, ele decidiu adiantar bastante a bola no lado do campo, apenas para fazer esse lateral tomar-lhe a frente na corrida. Não deu outra: Emanuel aplicou um carrinho por trás no russo deixando-o com as duas pernas quebradas, gemendo no chão como uma colegial. Foi banido por 24 semanas do futebol russo. Har, har, har. Sim senhor, eis aí um excelente jogador de futebol.

- Hã... Sim, sem dúvida... – digo enquanto ele dá risada de seu próprio retrospecto.

- Mais alguém que lhe chame atenção nesse esporte?

- Não – responde secamente.

- Mas quero perguntar sobre um lugar que não tem muita tradição no futebol, se é que tem alguma... Você já ouviu falar da cidade chamada Steinach am Brenner?

- Sim, conheço.

Chegando ao Landhaus, um museu de armas bastante conhecido de Graz, sento-me em uma mureta.

- Pois é aqui que começamos...

Áustria, Cidade de Steinach am Brenner, 1860.

Começo minha narrativa explicando ao Jan que nessa minúscula cidade é onde nasceu Georg Luger, filho de um cirurgião, Bartholomeus Luger. Já aos nove anos, Georg mostrava ser um prodígio entre seus pares, sempre tendo alguma idéia, tramóia ou anedota na ponta da língua. No inverno de 1860 (com 11 anos de idade) ele estava sentado em sua varanda com seus dois amigos inseparáveis, Hans e Fred.

- Georg, esse doce de abóbora que sua mãe fez é danado de bom! – falou Hans, com um sorriso rechonchudo no rosto. Para um garoto de 12 anos sem dúvida era uma criança de porte bem avantajado. Fred apenas concordou com a cabeça.

- Rapaz, muito boa a idéia aquela que você teve – disse o magricela Fred logo após abocanhar um último pedaço de doce.

- Diabos! Não fiquem falando à toa sobre isso, senão minha mãe vai desconfiar de onde arrumei tanta abóbora assim – advertiu Georg.

- O que você falou para ela – perguntou Fred?

- Que encontrei num saco largado perto da estrada.

- Ah, mas nosso truque foi perfeito. A sua idéia do Hans distrair o dono da venda com um realejo enquanto entrávamos pelos fundos para levar-lhe as abóboras foi uma beleza.

- Sim, mas agora troquemos de assunto – Georg disse olhando para dentro de casa desconfiado se sua mãe estava a ouvir o diálogo. – Por que você se atrasou hoje para vir aqui, Hans?

Hans estava acabando de comer seu doce. Depois de cerca de vinte segundos:

- Barbaridade! Acabei de levar uma surra do meu pai.

- Ué, por que?

- Estávamos andando com a nossa égua para buscar farinha no moinho do norte.

- A égua que você costuma “namorar” de vez em quando? – perguntou rindo Georg.

- Hã, bem... sim. Mas me deixe continuar... Depois de algumas horas de trote, meu pai resolveu parar para urinar, justamente no lugar onde fica a pedra.

Os outros dois ficaram com uma expressão interrogativa pensando: “que pedra?”.

- Então, enquanto meu pai se aliviava, a égua se colocou na posição em que eu costumava “namorar” com ela, com a anca erguida, só me esperando. Eu costumava fazer o “serviço” em cima daquela pedra, usando-a como apoio. Como eu poderia imaginar que a égua iria se

viciar em me receber daquele jeito? Tentei de todo o jeito tirar ela de lá antes que me pai visse, mas ela resistiu. Quando meu pai viu aquilo, me pegou de jeito com o cinto dele. Olha só.

Nisso, ele mostrou as marcas vermelhas nas pernas e nas nádegas deixadas pelo seu pai, enquanto que Georg e Fred praticamente rolavam-se no chão de tanto rir.

- Amigos, já está anoitecendo e tenho que me recolher. Até amanhã – disse Georg limpando as lágrimas fruto do riso de momentos atrás.

Ao entrar em casa, Georg ainda conseguia ouvir seu pai discursando à mãe, de um cômodo adjacente:

- Veja o que eu trouxe da loja, mulher. Esse é um projeto bélico futurístico. Veja só que linhas dinâmicas e fascinantes.

- Não vejo nada de mais nesse pedaço de papel velho, Bartholomeu. Aliás, só porque você é o cirurgião da cidade, você não precisa se envolver com essa coisa de Maçonaria. Não gosto disso.

- Concentre-se nos seus afazeres, mulher – disse Bartholomeu com um leve sorriso analisando novamente o projeto em sua frente enquanto que sua esposa praguejava qualquer coisa.

Somente esse diálogo já fora suficiente para aguçar a curiosidade de Georg, que durante muitas noites subsequentes escapava de seu quarto para ficar vislumbrando aquele papel pardo, já amarelado pelo tempo, com suas linhas perfeitamente traçadas. Perfeitas demais pra aquela época.

Dez anos depois, Georg já estava servindo no exército em Viena. Fred também havia se mudado de cidade enquanto que Hans também se juntara às forças armadas, também em outra cidade. Georg teve ótimas notas em natação, corrida e resistência, porém não era muito bom de mira. Teve péssimas notas nos testes de fogo. Lá que ele começou a ter interesse por engenharia e armas de fogo. Em 1871, ele fora contratado pela Deutsche Waffen und Munitions para ser representante e vender os rifles Mannlicher. Ele havia se rendido ao capitalismo e ao patronato, queria ser um escravo do trabalho assalariado, o pobre Luger.

Aos 44 anos, Georg já estava casado e com dois filhos.

- Vamos mulher, estamos atrasados!! – gritou Georg de dois cômodos de distância, enquanto sua mulher se aprontava para uma celebração local do qual o nome realmente não me recorde no momento.

- Calma, já estou pronta, senhor – sim, as mulheres tratavam seus maridos dessa forma. “Senhor”. Não havia fogueiras de sutiã naquele tempo. Muito certo, se você algum dia me perguntar...

Chegando às festividades alguns amigos lhe diziam que Hans havia comprado uma fazenda nos arredores de Viena e que estava de volta. Isso foi uma notícia que, obviamente deixara Georg extasiado, querendo que a noite acabasse logo para poder visitar seu antigo amigo.

No restante da noite, Georg contou à sua mulher das diabruras e travessuras que fazia juntamente com Hans e Fred. Tudo isso por conta da notícia da volta do gorducho amigo, agora como um fazendeiro. Georg se sentia muito bem, retornando faceiro para casa naquela noite.

No outro dia, já de manhã cedo, Georg colocou-se na estrada para visitar Hans. Foi a cavalo, como nos velhos tempos. No caminho fora admirando as plantações que seu velho amigo adquirira e pensava de onde Hans teria tirado tanto dinheiro. Se bem que seu pai já era um fazendeiro bem sucedido, porém, não respondia por tamanhas posses na época. Ao chegar à porteira se surpreendeu com a beleza da cancela, muito bem acabada e pintada. Alguns detalhes mostravam uma tinta dourada, muito bonita de ser vista à luz do sol, como era o caso naquele momento. A casa não era longe da entrada, aliás, que bela casa Hans havia adquirido, sim senhor. Dois pisos, duas varandas, um jardim à frente e tudo o mais que uma casa de burgueses requeria para ser notada como tal.

Ao chegar mais perto da casa Georg foi recebido por um dos criados de Hans, um senhor negro entre trinta e trinta e cinco anos.

- Senhor! – exclamou Georg. Meu nome é Georg Luger, estou aqui para prestar visita a um velho amigo, chamado Hans Kristoff.

- O seu Kristoff já não recebe mais visita, não senhor. – respondeu.

- Meu senhor, perdoe-me se lhe falto tato nesse momento, mas o senhor poderia anunciar a minha presença a ele?

- Sim senhor – respondeu o criado após um momento de hesitação.

Após apenas alguns segundos, o mesmo criado retorna com a mensagem de que Georg poderia entrar. Já na porta, Georg é recepcionado por um jovem de cerca de 20 anos, com as roupas e cabelos muito bem cuidados, porém de porte físico superior à média.

- Senhor, permita-me que me apresente. Sou Matheus Kristoff, filho de Hans – cumprimentou à medida que conduzia Luger casa adentro.

- Muito prazer, filho. Meu nome é Georg Luger...

- Sim! Meu pai me falou muito sobre o senhor e sua longa amizade para com ele – disse enquanto apertava a mão de Georg.

- Como está seu pai? Ele está aqui, não?

- Sim... Não poderia estar em outro lugar nem que ele assim o quisesse. Ele está bastante enfermo, senhor – disse com pesar.

- Verdade? O que ele tem?

- Ninguém sabe dizer, já tentamos médicos, mentores espirituais, tudo quanto é tipo de especialista já o analisou, mas ninguém sabe resposta alguma.

- Lamento saber.

Após alguns segundos de silêncio apenas quebrado pelo som dos passos dos recém-conhecidos juntamente com o da porta do quarto de Hans se abrindo, Georg é reapresentado ao seu antigo amigo. Ele se encontra já bastante magro, vestindo um roupão, entregue em cima da cama.

- Meu amigo Hans!! Quanto tempo não nos víamos, rapaz!! – Georg saltou na frente, com grande euforia.

- Entre Sr. Luger, entre. Entre e sente aqui ao meu lado. Excelente ver-lhe novamente – respondeu.

Matheus, o filho de Hans, se retirou de forma discreta, pois sabia que os dois tinham muito do que falar.

- Diga, meu velho – começou Georg. Então, quer dizer que o exército não quis saber de você e o expulsou? – falou em tom de escracho.

- É, mais ou menos. Agora estou com essa nova ocupação minha. Ficar deitado a maior parte do tempo, preocupado em não me mijar nas calças de 15 em 15 minutos...

- Pois, sabe que estava me perguntando o porquê de você estar nesse estado...

- Ninguém sabe, Georg. Ninguém sabe. Aos meus 40 anos, comecei a sentir uma fraqueza que apenas fez aumentar através dos anos e desaboquei aqui nessa cama.

- Mas como assim? As pessoas não adoecem desse jeito, elas morrem repentinamente ou de gripe talvez, mas isso é inédito para mim.

- Pois a mim também, no entanto acredito que já me acostumei com a idéia de ter de ficar entrevado até o fim dos meus dias. Não é tão ruim quanto parece.

- É pior, certo? – perguntou Georg.

- Com certeza – respondeu Hans com um largo sorriso no rosto.

Com muito esforço, Hans colocou-se sentado na beira da cama, mas não sem a ajuda de Georg.

- Hans. Calma, você não deve se esforçar tanto com essa enfermidade – alertou Georg.

- Não. Eu prefiro falar com você desse jeito, me sinto menos inútil...

Depois de algumas tosses seguidas de pigarros e um momento de silêncio, Hans começa.

- Meu amigo, Georg Luger. Nesses anos em que estive envolvido com o exército, conheci muitas pessoas. Pessoas influentes. Tive uma ascensão meteórica lá dentro. Eu só pensava em dinheiro e na glória do avanço científico, fazer parte de algo realmente importante. Até me envolvi com medicina e me formei, veja só.

- Mas isso é excelente! – disse Georg.

- Não, não é. E eu te explico por que. Naquela época eu tinha verdadeira obsessão pelo avanço científico da medicina. E não é novidade que a Alemanha andou investigando algumas tropas dissidentes dentro do país e na fronteira com a França. Pois bem, alguns soldados eram capturados. E entregues a mim. E nesse afã em descobrir doenças, curas e ademais... bem, eu concordei em fazer algumas coisas com esses prisioneiros...

- Como assim?

- Experimentos. Eu sempre me concentrei no campo da hipotermia. Coloquei inúmeros prisioneiros em banheiras cheias de gelo, apenas para testar os efeitos do frio extremo no ser humano. Obviamente que tínhamos que amputar alguns membros gangrenados para evitar a morte prematura do pobre diabo. A maioria deles implorava para que os guardas enfiassem uma bala em suas cabeças para acabar com a dor. Eu nunca permiti. Georg não esboçou nenhuma reação, apenas continuou ouvindo horrorizado, contudo impassível.

- Aquilo era apenas um trabalho pra mim, entende? – continuou Hans. Eu não via aqueles soldados como seres humanos, mas sim como animais, como os ratos e sapos que costumávamos dissecar na faculdade. Tanto que fora dos laboratórios, sempre fui notório como uma pessoa dócil. Era só meu trabalho, entende?

- Não, na verdade não.

- Sim, eu sei que isso faz de mim um monstro, mas na época eu só pensava em fama e ciência. Nessa ordem. Depois de dois anos nesse expediente, não consegui mais. Comecei a imaginar meu filho com uma mão ou perna amputada, com o sangramento toscamente estancado, morrendo de frio em uma banheira de gelo. Tive que ir embora.

- Deus, Hans...

- Mas isso não é o pior, Georg – disse Hans com os olhos arregalados. O pior é que não acabou, e acho que não vai acabar. Eu vi alguns dos planos dos militares, ouvi algumas conversas de corredor. Acho que algo vai acontecer. Algo muito grande.

Georg notou que seu amigo fora realmente afetado por esses acontecimentos e pela sua doença. Mas ficou sem entender como essa ambição desenfreada brotou da pessoa meiga que Hans era na infância.

Depois de alguns desconfortáveis segundos, deu um abraço em seu amigo e colocou-se no caminho pra casa, de certa forma, decepcionado, pois queira muito falar sobre as boas memórias que ambos têm da infância, não ouvir histórias de horror e amputações por conta de gangrenas. Mas tinha que entender que era o momento que seu amigo estava passando e que devia respeitar isso.

Ao chegar novamente em casa, Georg deparou-se com sua esposa entregando-lhe um pacote.

- Georg, um mensageiro deixou isso aos seus cuidados agora há pouco.

Abriu o pacote e encontrou um desenho esquemático de uma pistola muito parecida com o projeto que ele próprio herdara de seu pai.

- Que pistola desengonçada – iniciou Georg. Deve ser muito incômoda de se empunhar. Não tem metade da elegância do velho projeto que meu pai ganhou de presente.

Anexa ao desenho estava uma missiva da Deutsche Waffen und Munitions dizendo que Georg deveria ir até à América apresentar essa arma ao exército de lá, no intuito de iniciar um fornecimento da mesma. A idéia obviamente que o desgostou, porém, sabia que não poderia recusar-se a ir.

No dia seguinte bem cedo já estava de malas prontas e, próximo ao meio-dia, já estava tomando o trem a caminho do porto. Horas depois, desembarcou em seu destino, e colocou-se a procurar um lugar para passar a noite, pois na manhã seguinte pegaria o navio para o Novo Mundo. Depois de algumas tentativas frustradas, sentou em um estabelecimento que anos mais tarde seria chamado de “pub” para tomar um chá antes de retomar a busca por uma cama e um jantar.

Enquanto tomava o chá, Georg apreciava a cidade portuária chamada Enns, muito bela, diga-se de passagem. É uma cidade pequena, porém com lindas mulheres passeando com seus pares, em direção a um teatro, ou apenas caminhando sob a luz da lua cheia que banhava a Áustria naquela noite. A temperatura estava agradável, com uma leve brisa soprando bem de leve, vinda do rio Danúbio. No momento em que Georg prestava atenção em um cartaz de um espetáculo qualquer, foi interrompido por um senhor que vestia um grosso casaco preto.

- Senhor. Espero que não esteja pensando em prestigiar esse evento. Eu já o fiz e não é grande coisa, não – disse o estranho.

Suas feições denunciavam uma idade um tanto avançada, era careca total e tinha um nariz proeminente. Georg apenas respondeu com um sorriso amistoso.

- Perdão pela minha falta de educação, senhor. Meu nome é Ludwig Loewe – adiantou-se apertando a mão de Georg. O senhor se importa se eu sentar-me? O fato é que caminhei o dia inteiro procurando um estabelecimento como esse para relaxar e só agora que encontrei.

- E o senhor sabe que, beber sozinho, é prenúncio de maus agouros, não?

- Sim, por favor, fique à vontade.

- Obrigado, muita bondade de sua parte, senhor...?

- Luger, Georg Luger.

- Ah, Luger. Muito prazer. Mas me diga, o que o traz por essas bandas?

- Negócios. Tenho que fazer uma apresentação de alguns produtos na América.

- Ah, verdade? Que produtos?

Nesse momento, um garçom interrompe:

- Gostaria de uma xícara de chá, senhor? – perguntou a Ludwig.

- Não, só uma taça de vinho, obrigado.

Georg espera que o garçom se vá e então reinicia.

- Vendo equipamentos bélicos, geralmente para os exércitos. Estou indo aos Estados Unidos para demonstrar a Borchardt C/93, um novo projeto que a Deutsche Waffen und Munitions – empresa para a qual eu trabalho – está lançando.

- Entendo. Você sabia Sr. Luger, que essa cidade é a mais antiga de toda a Áustria? Os primeiros assentamentos foram estabelecidos aqui a cerca de 4.000 anos atrás pelos Celtas. Muitos desses Celtas eram druidas, mas não me entenda mal, druidas não eram os seres malignos que nossas avós nos contavam sobre quando éramos infantes. Eles na verdade possuíam profissões diversas, mas o que os diferenciava dos demais era a sua educação, eles tinham a graduação que hoje chamaríamos de superior, ou universitária. Sem dúvida, seres mais esclarecidos que o resto. A maioria deles adorava o deus da ordem e da luz Essus. Porém, em algumas festividades particulares praticavam o abominável ato de sacrifício de seus iguais, sim, seres humanos. Isso sempre me deixou intrigado. Quero dizer, porque pessoas com intelecto avantajado, que adoravam um deus da luz preocupavam-se em eliminar seus pares apenas para decorar uma cerimônia? Isso acontecia antes de nosso tempo, ou seja, não possuíam os mesmos valores que os nossos. Então, será que não estavam apenas tentando dizer que, pelo fato de serem superiores – mentalmente pelo menos - poderiam se dar ao luxo de tirar a vida de outrem indiscriminada e impunemente? Será que não consideravam esse o seu direito? Sem dúvida era algo natural para eles na época. É uma bela questão a se pensar, não?

Georg colocou-se apenas a ouvir e se impressionar com o conhecimento de Ludwig acerca de Enns. Logo após, Ludwig disparou:

- Importa-se de eu passar os olhos no projeto?
- Ele é confidencial, mas acredito que uma olhada rápida não causará mal algum.

Ele puxa o desenho de sua maleta e o entrega a Ludwig, que por sua vez o desdobra e passa alguns momentos examinando a peça.

- Que pistola desengonçada – iniciou Ludwig. Deve ser muito incômoda de se empunhar.
- Não tem metade da elegância do velho projeto que seu pai ganhou de presente.

Georg fica perplexo, sem palavras por algum tempo.

- Concorda, Sr. Luger? – pergunta Ludwig com um sorriso malicioso. Logo depois volta seus olhos ao desenho. – Sim, você deve estar confuso agora, Sr. Luger. E isso é totalmente compreensível para alguém na sua condição. Deixe-me colocar qual será a sua conduta daqui por diante.

Ludwig toma um gole da taça de vinho.

- Bem, você não irá para a América, você sabe tanto quanto eu que esse projeto é – e sempre será – um fracasso. Aliás, deixe-me antes perguntar: você já está se sentindo tonto?
- Como ousa?! – bradou Georg levantando-se esperando intimidar o miúdo Ludwig com seu porte graúdo. Logo depois, sentiu o mundo escapar-lhe debaixo de seus pés, obrigando-o a retornar e sentar-se. Sentia uma dor lancinante de cabeça, tão forte que lhe turvava a visão.
- Está vendo essa lâmina? – tirou uma faca de pedra da manga, mostrando a Georg. Bem, eu fiz um pequeno corte no seu braço enquanto conversávamos, agora mesmo. Ela foi esculpida em idos de 5.000 a.C. e pertence ao Anjo da Morte, mas acredito que ele não tenha dado falta até o momento, não que eu me importe, claro. Ah, e não se recrimine por não ter me visto infligir essa barbaridade sem você notar, não acredito que haja alguém vivo que pudesse tê-lo. Além disso, esse é um vício meu.

Com muito esforço Georg arregaçou um pouco a manga de sua camisa revelando um pequeno corte no seu antebraço esquerdo, à medida que seus membros amorteciam e já era incapaz de articular qualquer palavra mais. Lentamente olhou para Ludwig e via gatos e ratos pretos escaparem por debaixo de seu casaco, que já se mostrava como uma figura bruxelante.

- Assustado, Sr. Luger? Por favor, controle sua bexiga, não quero deixar-lhe constrangido nesse momento nosso. Além disso, o senhor pode estar vendo coisas agora. Talvez o senhor esteja alucinando. Talvez não.

Georg tentava desesperadamente levantar-se para agredir Ludwig, porém, o que quer que estivesse acontecendo com ele, era muito forte. Mais do que ele.

- Como eu estava dizendo, o senhor irá para um hotel fora dos limites da cidade e se hospedará lá por seis meses, esqueça os Estados Unidos. O que a empresa para qual o senhor trabalha produzirá será o projeto de seu velho pai, não esse arremedo de arma de fogo cujo projeto o senhor carrega consigo. Não se preocupe com o dono do hotel, nada faltará ao senhor nesse período. Ah, e quanto a essa sensação que o senhor está sentindo agora é o toque da morte, mas você não verá luz no fim do túnel, não ainda. Além do que, só há trevas no caminho de Georg Luger.

Ludwig se levantou, beijou as costas da mão esquerda de Georg e se retirou da mesa.

- Adeus, Sr. Luger. Se o senhor for afortunado o bastante, não nos veremos novamente. Depois de um tempo definhando como um moribundo leproso, Georg sentiu uma pequena fração de suas forças retornarem. Levantou-se lentamente e começou a andar feito um zumbi em direção ao centro da cidade, ainda muito afetado pelo corte no braço. Estranhamente as pessoas na rua pareciam não se importar com a condição dele, ignorando sua existência, e ele por sua vez estava muito fraco para pedir por ajuda. Depois de cerca de meia hora caminhando, ele nota que as suas pernas não mais lhe obedecem, carregando-o a esmo pela cidade, pelo menos foi isso que ele pensou, até que vê um hotel em um recôndito muito escondido e instintivamente sabe que é ali que deveria se hospedar. Suas pernas o carregaram para dentro do estabelecimento. É um lugar muito mal cuidado, praticamente em ruínas, com mofo por todo o lado, com os papéis de paredes rasgados. Cheira a bolor. Ao chegar ao atendente, viu que se trata de um ente cadavérico, faltavam-lhe os lábios bem como o nariz. Seus cabelos eram ralos e sua pele já tinha adquirido um tom acinzentado por conta do rigor mortis. Alguns hematomas eram perceptíveis também. Com movimentos duros e desajeitados alcançou uma chave à Georg que, apenas esticou lentamente a mão para pegá-la.

- Quarto... 22..., senhor – informou a criatura.

Sem dúvida era uma visão incrível. Qualquer pessoa perderia a razão ante aquilo, mas Georg não se encontrava em uma condição “normal” naquele dia.

E o restante dos seis meses não foram diferentes. Ele passava semanas dormindo, semanas acordado, ainda sob efeito do golpe da adaga de Ludwig, se alimentava de comida e bebida que lhe era servida pelo ser que o atendera anteriormente. Depois do tempo determinado por Ludwig, ainda debilitado, deixou o funesto hotel e tomou um trem de volta a Viena.

Depois de algumas horas de viagem, simplesmente desmaiou, acordando em sua cama, com sua mulher acordando-o.

- Georg, senhor. O que aconteceu? Você chegou cambaleando de sua viagem e desabou na cama. Dormiu por dois dias seguidos – inquiriu sua esposa.

- Nada, estava apenas cansado da viagem.

- Como foi sua demonstração?

Georg hesitou por um momento, tentando lembrar o que havia acontecido de fato, porém sem sucesso.

- Acho que eles não aprovaram aquela arma – despistou.

- Ah, que pena. Novamente o mensageiro da Deutsche Waffen und Munitions esteve aqui.

- Desta feita, largou esse pacote sob seus cuidados.

Juntamente com o pacote, encontrou o velho desenho da arma a que Ludwig se referiu. Aquele que seu pai ganhara de presente anos antes. Porém, na legenda estava escrito “Parabellum – Pistolen 08”, e, de praxe havia uma missiva anexa:

“Caro Sr. Luger

Segue em anexo a esta o projeto da “Parabellum – Pistolen 08”, conforme sua recomendação. Queremos estender nossos cumprimentos pela sua ousada iniciativa de declinar em divulgar a “Borchardt C/93” e, em lugar dessa, sugerir essa nova versão da arma. Entre nós, da Deutsche Waffen und Munitions, nós a chamamos de “Luger”, apesar de ela possuir um nome técnico oficial. Também segue a primeira amostra dessa série. Tivemos alguns problemas na sua produção, mas nada que não conseguíssemos administrar.

Atenciosamente,

Deutsche Waffen und Munitions”

Obviamente que Georg estranhara a missiva, pois não tinha sugerido nada nesse sentido à empresa, contudo, como os últimos seis meses foram por demais nebulosos, apenas temeu por o que mais teria feito em estado de semi-consciência. Ao abrir o pacote que estava juntamente com os dois documentos, viu a primeira Luger em sua total majestade, ali, na sua frente, o que causou a mesma impressão de euforia que sentira quando criança, quando escapava de sua cama à noite para ficar analisando suas linhas entre as coisas de seu pai. Mas uma imagem veio à mente de Georg naquele momento: ele próprio alucinante assistindo a Ludwig Loewe quando gatos e ratos negros escapavam-lhe por debaixo de seu ameaçador casaco preto enquanto ostentava um sorriso sinistro. A Pistola Luger estava criada.

No dia seguinte, resolveu novamente visitar Hans para ver se havia pelo menos se recuperado um pouco psicologicamente. Achou que, pelo fato de não ver Georg há muito

tempo, sentira vontade de desabafar sobre aquilo que lhe pesava na consciência. Georg acreditava que poderia anima-lo dessa vez. Chegou a cavalo novamente à moradia de seu amigo e, como de praxe pediu ao criado que o anunciasse.

- O senhor pode entrar – respondeu o criado.

Estranhamente, não havia ninguém na casa e foi adentrando lentamente, hesitante como todo convidado. Trazia um pacote consigo. Ao chegar ao quarto, bateu à porta para em seguida abri-la lentamente.

- Georg, pode entrar, quanto tempo – saudou Hans ainda entevado em sua cama.

- Pois sim, tive que cuidar de alguns negócios, sabe como é, alguém tem que colocar comida na mesa em minha casa. Como você está se sentindo?

- Como você estaria se sentindo na minha condição? – falou, porém, em um tom de extremo bom humor, sorrindo.

- Sentir-me-ia um traste, um inútil, verdadeiro fardo para minha família – respondeu Georg, brincando. Porém, me sentiria muito melhor se tivesse um amigo como eu, que me trouxesse isso.

Georg abriu a caixa revelando lá dentro a primeira amostra da Pistola Luger.

- Hans, essa é a Parabellum – Pistolen 08, ou comumente chamada de “Luger”. Essa é a primeira peça construída, baseada em um projeto que eu mesmo indiquei, sem dúvida uma vitória na minha carreira. Eu gostaria que você a aceitasse de presente, para lembrá-lo do pouco de bom que o exército tem.

Georg aproximou-se com a caixa aberta, lindamente decorada com veludo vermelho onde repousava a pistola.

- Sinto muito, mas não posso aceitá-la, é um presente por demais valioso – disse Hans com os olhos fixos na peça.

- Eu faço questão, Hans.

- Jesus, nem sei o que dizer. Muito obrigado.

Durante alguns minutos Hans ficou manejando a arma e olhando suas linhas muito atentamente.

- Está descarregada – disse Hans.

- Sim, quando você se recuperar, trarei munição para praticarmos.

- Oh, isso seria deveras divertido, Georg. Espero que um dia possa sair dessa cama para poder atirar novamente.

- Bem, tenho que ir andando. Minha esposa está preparando um jantar especial para os criados essa noite e tenho que estar lá para prestigiá-la. Se não sair agora, não chego a tempo.

- Oh, sim, não quero que você se atrase. Agradeço novamente pelo presente.

Nisso, Georg sai do quarto, se despedindo de Matheus na saída da casa, antes de montar seu cavalo para retornar para casa. Chegando lá, o jantar havia iniciado há pouco. Isso era um costume comum dos Luger, tratar os criados muito bem, às vezes como se fossem da própria família. Sua mulher havia preparado costeletas de porco, um prato muito fino e caro para a época. Durante a noite, Georg teve o sono muito conturbado, tendo pesadelos, acordando e dormindo em curtos intervalos de tempo. Sempre ao acordar lembrava-se do beijo que Ludwig lhe dera nas costas da sua mão esquerda e deixando-o à própria sorte em Enns.

Passaram-se alguns dias, com Georg sofrendo o mesmo calvário todas as noites.

Em certa manhã, um mensageiro visitou novamente a residência dos Luger para entregar uma carta. Dessa vez foi Georg que a recebera. Ao abrir e ler a missiva chocou-se com a terrível notícia que continha naquele pedaço de papel. O filho de Hans, Matheus, havia se suicidado duas noites atrás. Ele fora encontrado enforcado no estábulo da fazenda de seu pai. No mesmo minuto Georg colocou-se com urgência no lombo de seu cavalo e rumou à casa de Hans. No caminho apenas chorava pela perda de um menino irradiante e cheio de vida como era Matheus. Chorava também pela perda de seu amigo que já havia perdido tudo. Sua profissão, sua saúde, seus amigos, tudo fazia parte da história. Restava-lhe apenas sua família, que tinha sido cruelmente aleijada em função do acontecido. Ele também se perguntava como isso poderia ter acontecido com uma pessoa como Matheus...

Chegando à casa de Hans, obviamente que a comoção poderia ser farejada à distância, e não era preciso possuir o olfato apurado dos caninos para tal. Era como se uma nuvem negra abraçasse nefastamente a fazenda inteira. Levou apenas alguns momentos para que Luger alcançasse o interior da casa, porém, em sua cabeça pareciam três horas ou mais. Tinha somente dúvidas quanto ao estado em que estaria Hans, o feliz e rechonchudo amigo de outrora. Estaria ele sedado por medicamentos? Agarrado com força ao seu travesseiro, insano? Ou apenas chorando encolhido em sua cama?

Ao entrar no quarto, a visão era bem mais impressionante. Hans estava em pé, de costas para a porta, virado para a janela, olhando para o vazio, tinha as suas duas mãos no peito e parecia muito calmo. Georg ficou parado por alguns instantes tentando processar aquela nova condição que lhe era esbofetada no rosto naquele momento. Quando pensou em dizer “Hans?”, o sujeito de seu pensamento iniciou:

- Eu estava o estava esperando, Luger – disse Hans com uma voz muito calma.

- Hans, você está bem?

- Como você se sentiria se estivesse na minha condição?- perguntou, novamente com a voz extremamente calma.

Nisso, Hans se virou em direção a Georg. Em sua mão direita ele empunhava a Parabellum, ou a Pistola Luger, que pressionava contra o peito.

- Eu ainda sonho com ele, Luger. É um sonho horroroso. Perverso. Sonho com meu filho. É uma noite chuvosa e a porta de meu quarto se abre, ouço sons de passos se aproximando que param repentinamente. Vejo uma sombra horripilante na porta, quando olho para cima, lá está meu filho enforcado olhando para mim, com os olhos esbugalhados. Ele voa com asas de mariposa, ele voa pelo quarto inteiro, de um lado para outro não emitindo um som sequer, a não ser um estridente bater de asas. Depois de alguns segundos, ele se contorce muito rapidamente e cai no chão, inerte – nesse momento Hans derrama uma única e solitária lágrima.

- Eu não posso mais suportar isso, Luger. Não posso – fala colocando a arma apontada sob seu queixo.

Georg sabia que a arma estava sem balas, porém mesmo assim aconselhou:

- Hans, solte a arma e volte para sua cama. Por favor – Georg deu um passo á frente.

- Não – disse Hans para após puxar o gatilho e explodir a sua própria cabeça, espalhando sangue e cérebro por toda a janela e parede atrás de si.

Seu corpo pendeu por um segundo e desabou pesadamente no chão, fazendo com que os miolos restantes lhe escapassem pela bocarra recém aberta no crânio. Georg ficou imóvel, sem reação. No entanto o que percorreu sua mente não foram coisas do tipo “Meu Deus, que horror” ou “Como ele conseguiu as balas?”, mas sim um único e incômodo pensamento: “Funciona!”.

Georg Luger fez fortuna com a comercialização da Parabellum, porém, perdeu todo o seu dinheiro antes de sua morte, em 22 de dezembro de 1923.

* * *

- História interessante, Dieter. Muito inventiva, porém, ainda estou curioso...

- Não tem nada de “inventiva” nela, senhor. E ela ainda não acabou. Seu problema é sua falta de paciência para o desencadear dos eventos, sorte sua que isso eu tenho para dar e vender – falei interrompendo-o.

- Acho que você vai gostar mais da seqüência... – completei.

Após a desgraça de Hans e Georg, a primeira amostra da Luger fora doada pela família de Hans ao exército alemão. Não queriam tê-la por perto de modo algum.

Após descansar no depósito de armas, por cerca de dois anos, foi utilizada por alguns soldados, patrulheiros em sua maioria, até que foi perdida.

Fronteira entre França e Alemanha, 1915.

Depois de três meses, foi reencontrada por um jovem de nome Gregor Latton, um cadete que patrulhava uma região de vigília durante a I Guerra Mundial. Estava ele, seu amigo (desde antes da Guerra) chamado Lukas Mills e um outro soldado de nome Siegbert Neville. Deveriam patrulhar essa faixa de mata antes de reportar ao sargento na base, a cerca de três quilômetros dali.

- Essa até que foi uma patrulha proveitosa, nenhum sinal de franceses, e ainda achei uma Luger... - disse Gregor.

- Sorte nossa e sua – respondeu Lukas.

Siegbert, que andava mais à frente, estava muito atento nos seus arredores, não ouviu a conversa. O restante da caminhada de volta foi permeada por um silêncio profundo, para conservar a furtividade do bando.

Ao chegar à base, apressaram-se em procurar o sargento Viktor. Ao adentrar a sala do sargento ainda conseguiram ouvir a “orientação” que ele estava dando a um de seus subordinados.

- E da próxima vez que você disser que está com hemorróidas só para ir pra casa, você as terá de fato! – bradou na cara do soldado.

O soldado apenas encolheu-se, e se retirou extremamente envergonhado, passando pelo bando de cabeça baixa. Após isso, Gregor adiantou-se entrando na sala batendo continência.

- Senhor, efetuamos a patrulha no setor designado, porém nenhum sinal dos francesinhos, senhor!

- Ah! Vejo que você decorou certinho o que devemos dizer daqueles bastardos, não é mesmo? Você levou esses dois outros virgens com você?

- Sim, senhor.

- Dispensado, soldado. Volte para seu alojamento. Recebi uma notificação de Berlim, em dois dias teremos que partir em uma missão extraordinária. Descansem suas carcaças inúteis e façam os preparativos enquanto fico aqui na cabana confortável bebendo uísque.

- Sim, senhor.

A base era realmente algo muito bem planejado para a época, aliás, não poderia se esperar menos dos alemães, correto? Havia alojamentos para os soldados, cela para prisioneiros, refeitório, casa de armas, todos os oficiais eram cadastrados em planilhas, os turnos eram bem definidos e divididos, tudo seguia uma regra rígida de controle. Especialmente a quantidade de comida e água para cada pessoa. Só que nem tudo estava sempre limpo ou sempre tinham o que precisavam, pois afinal de contas, era guerra.

Nos alojamentos eram permitidos alguns passatempos para os soldados, de modo a preservar-lhes a sanidade (o mínimo, pelo menos) dentro daquele ambiente terrível. Porém havia os soldados que não se ligavam a isso, preferindo apenas descansar nas horas de folga. Era o caso do trio Gregor, Lukas e Siegbert.

Em certa ocasião estavam os três deitados em suas respectivas camas, um pouco antes do alarme sonoro soar, sinalizando que os soldados deveriam dormir. Gregor tinha na mão uma figura que fora distribuída para os oficiais retratando um soldado sobreposto a uma bandeira da Alemanha com os dizeres “Bis das Ende kämpfen”, estava assinado em uma letra quase indecifrável, duas iniciais que pareciam ser “A” e “H”. Lukas admirava uma foto que tinha de sua mãe. Já Siegbert montava seu fuzil com os olhos vendados na outra cama.

- Rapaz, queria estar em casa agora – falou Lukas.

- Quem não queria? – respondeu Gregor.

- Sabe, lembro bem de minha infância quando minha mãe cuidava de mim, de vez em quando ela escapava para o vizinho para ouvir Felix Draeseke. Ah! Anos depois eu mesmo me tornei fã dele... – relembra Lukas.

- Sim, também gosto muito da música dele. Ele morreu ano passado, não?

- Foi. Como eu, ele morou em Dresden muito tempo, por isso minha mãe gostava de suas composições. Eu gostava bastante de suas músicas de ambiente. Sim, as orquestras e os solos de piano eram muito bons, mas as suas “músicas de câmara” eram o seu melhor, sem dúvida – disse Lukas.

- Na verdade não sei muito sobre qual tipo de música é qual, mas eu também gostava de ouvir os seus concertos.

- Draeske sempre foi muito decidido e precoce, sabia? Ele compôs a sua primeira canção com apenas oito anos de idade e aos 16 já havia decidido que seria músico. Sabe por quê? Digo-lhe. Não havia ninguém dizendo a ele que ele não conseguiria, ele queria ser músico e não tinha ninguém o convencendo do contrário. Seus pais sempre o encorajaram a perseguir e ser o que ele desejava. Assim, acabou sendo um dos maiores músicos da Alemanha. Ah! Se tivesse pais como os dele certamente eu estaria em outro lugar que não aqui. Meu pai dizia que “o exército é bom”, “me orgulhe sendo um soldado”, “defenda seu país” e outras besteiras e eu acabei aqui, esquivando de balas e cheirando carne podre – humana – o dia inteiro.

- Lukas, existem coisas que estão fora de nosso alcance. Muitas vezes fogem ao nosso controle e o máximo que podemos fazer é o melhor possível para que tudo acabe bem. No nosso caso, o melhor possível é voltar inteiro para casa... – disse Gregor.

- Quão pomposo pode ser isso? – interrompeu Siegbert, enquanto finalizava a montagem do fuzil e retirava a venda de seus olhos. Demorei sete segundos a mais que o normal só pela conversa de vocês. Se for para chorar a morte de alguém, devíamos chorar por Alfred Graf von Schlieffen. Se não fosse por suas estratégias, hoje estaríamos lutando contra a Rússia também, e não apenas contra a França. Atacaremos a Rússia posteriormente, certo?

- Sim – respondeu Lukas.

- Então... Idéia de Schlieffen, estou errado?

- Fique quieto – disse Gregor. Só porque não nos deixamos levar por essa merda ao nosso redor não significa que somos menos homem do que você. Não sacaneia, Siegbert.

- Ah! Vocês dois são muito efeminados para estarem aqui, me desculpe. Enquanto vocês falam de música, artes e como o cor-de-rosa é uma cor instigante, fico aqui pensando sobre a tal missão especial que temos pela frente. Vocês já sabem do que se trata?

- Primeiramente, vá se ralar Siegbert. Segundo, pelo que ouvi dizer ontem, atacaremos uma base de rádio dos franceses ao norte daqui. Se for isso a coisa será grande mesmo – explicou Lukas.

- Bom, estou gostando muito de xingar Siegbert, mas terei que dormir. Boa noite, colegas – despediu-se Gregor.

- Boa noite – disse Lukas.

Siegbert apenas foi à sua cama e deitou-se.

- Que espécie de estúpido diria que tem hemorróidas para escapar da guerra, pelamordedeus? – falou Siegbert baixinho para si mesmo.

No dia seguinte, pela manhã, os soldados estavam no lado de fora montando guarda. Um carro de guerra alemão – não existiam jipes naquele tempo - se aproximava vindo de dentro da mata parando próximo a Gregor (Lukas e Siegbert estavam dentro da base). Um soldado saltou de dentro do jipe, e, pelo fato de ser da mesma patente, bateu continência, sendo correspondido por Gregor. Era um soldado de porte físico médio, cabelos louros e com a voz bastante fria e firme.

- Soldado Heinrich Himmler se apresentando à base. Preciso entregar essa carta ao sargento Viktor Holac.

- Sim, senhor. Acompanhe-me, por favor.

Gregor levou-o até a cabana de Viktor. Quando o sargento abre a porta está ele com um copo de uísque na mão.

- Senhor, o soldado Himmler está aqui para vê-lo, senhor.

- Ah, sim. Himmler. Sim, deixe-o entrar, ele está trazendo as instruções da nossa próxima tarefa.

- Sim, senhor.

Heinrich se adiantou e adentrou a câmara, Gregor ficou do lado de fora, porém, não foi possível ouvir a conversa entre os dois. Após cerca de meia hora, a porta foi aberta e Heinrich se retirou batendo continência para Viktor.

- Bom rapaz, esse Himmler. Bom rapaz. Vamos, traste inútil, temos que nos preparar para partir amanhã pela manhã.

- Sim, senhor – respondeu Gregor rangendo os dentes de raiva.

No dia seguinte, todo o pelotão fora deslocado para o objetivo dessa missão, que é encontrar uma velha construção dentro da mata, a sudeste da base. Na ida havia muita apreensão e ansiedade no ar. O sargento não havia dado detalhes do que seria o real objetivo na preleção.

- Vamos, bando de virgens. Temos trabalho a fazer na mata. Mas não se acostumem, ninguém vai ficar por lá – foi só o que ele falou na ocasião.

Todos sabiam que estavam entrando em território inimigo, toda aquela área era considerada “instável”, uma tropa francesa poderia aparecer do nada a qualquer momento.

- Tomara que apareça algum francês para massacrarmos – falou Siegbert baixinho.

- Cala a boca! – respondeu Lukas.

- Não dê atenção a ele, Lukas. Ele fala isso apenas por falar, do contrário porque ele não vai dizer isso onde Viktor pode ouvir? – falou Gregor em tom de escárnio.

- Ah, um dia ainda vou te massacrar, Gregor, Ah, se vou... – falou Siegbert carrancudo.

Os outros dois apenas se limitaram a rir.

Depois de algumas horas de silêncio o pelotão chega a uma clareira com uma enorme mansão abandonada, o lugar está em ruínas e parece estar assim há um bom tempo.

- Bem, bastardos. Chegamos. Quem pensou que iríamos arrasar uma torre de rádio, enganou-se. Como vocês podem ver, somos apenas seis milicos para explorar essa construção. Nós poderemos nos separar, pois a presença inimiga é improvável aí dentro. Cuidado para não se mijarem ao enxergar algum fantasma, har, har, har – disse Viktor brincando de forma fanfarrona para iniciar a busca dentro da casa.

- E o que temos que procurar? – alguém perguntou

- Vocês vão saber quando acharem. Agora vamos, lesmas!

Gregor fora designado para explorar o segundo andar. Ao entrar no saguão, viu a mobília destruída, com uma grossa camada de pó. Havia muitos retratos pintados na parede, alguns rostos estavam inexplicavelmente desfigurados. Isso assustou o pelotão. Gregor pensava que tipo de doente pintaria um quadro de um cadáver desfigurado. Bom, se bem que, ele mesmo já vira coisas piores. No subir das escadas o ranger debaixo de seus coturnos era inevitável, de fato algumas tábuas cediam sob o seu peso, fazendo com que ele quase caísse no andar inferior. Ao chegar ao seu andar designado, Gregor viu um corredor com

vários quartos. Entrou no primeiro vagorosamente, pois estava realmente muito escuro, apesar do sol brilhar do lado de fora. O quarto possuía muita mobília destruída e amontoada por todo o chão. Teias de aranha impediam sua visão de alcançar o outro extremo do quarto. Foi avançando pé a pé afastando as teias. Quando finalmente se desvencilhou daquele emaranhado, viu algo aterrador. Um cadáver em avançado estado de decomposição estava sentado em uma cadeira de pernas cruzadas com uma garrafa e um copo nas mãos. Quando Gregor chegou perto, o cadáver levantou lentamente a cabeça gerando um estalar assustador e olhou fixamente para o intruso, embora lhe faltassem ambos os olhos. Não tinha mais lábios, tampouco o nariz. O soldado congelou-se com a visão, queria correr, mas não conseguia de mover. Lentamente o zumbi abriu sua boca e articulou algumas palavras em tom gutural.

- Não... tente alarmar... seus comparsas... posso estar em... um estado deplorável... mas ainda posso saltar... em seu pescoço e beber-lhe... todo o sangue...

Depois disso, serviu um pouco do uísque que tinha na mão no seu copo e bebeu. Todo o líquido lhe escapou pela garganta aberta e escorreu pelo seu tórax desprovido de pele, onde era possível ver algumas de suas costelas.

- Está servido.... guerreiro? – disse oferecendo a garrafa a Gregor, que se limitou a gaguejar, porém nenhuma palavra fora dita.

- Você, guerreiro.... orgulha-se a sua posição... não? Estúpido... com pouca demora... estará compartilhando... da.... minha... he...he...he

O cadáver se contorce levemente e cuspe uma nuvem negra e verde engolfando Gregor, fazendo-o largar o rifle e respirar o gás vicioso. Cai ao chão alucinando fortemente. Gregor começa a ter vislumbres aleatórios. Vê seu próprio corpo deitado no chão de uma floresta com o pescoço torcido para trás, vê uma construção cercada de arame farpado onde pessoas morrem em virtude de inalação de um gás ou mesmo por meio de fornos calcinantes, vê uma estrutura voadora lançando uma bomba matando milhares de pessoas para depois provocar uma chuva negra sobre seus corpos mutilados e queimados, e por último vê uma estrutura voadora semelhante a essas se chocando contra prédios. Ele também sente o cheiro de fogo, decomposição de corpos, combustível, sangue. Morte.

Depois de alguns minutos desse ciclo, retomou a consciência sobre uma poça de seu próprio vômito e sangue. Levantou-se cuspidando ainda um pouco de ambos. Olhou para onde estava sentado o zumbi com a garrafa de uísque e ele não estava mais ali. Saiu porta afora, ainda um pouco zozno. Ao deixar a mansão, viu que o pelotão já estava todo lá fora com um baú colocado no chão.

- Era isso que procurávamos? – perguntou Gregor.

- Sim – respondeu Viktor. Vamos embora.

- Sargento, acredito que falo pelo grupo inteiro, acho que temos o direito de saber o que há dentro do baú.

- É verdade, senhor. Nós também queremos saber – concordaram mais dois soldados.

O sargento hesitou por um segundo.

- Com mil demônios, também estou curioso. Podem abri-lo, safados.

Um dos soldados se adiantou e abriu o baú. Lá dentro havia uma lança muito bonita, bem decorada.

- Ah, então é isso que devemos entregar ao Kaiser – disse Viktor. Uma lança.

- Como assim? – bradou Gregor. Então quer dizer que nos arriscamos vir até aqui para resgatar uma droga de uma lança? Inaceitável!!

- Acalme-se, imbecil – avisou Viktor.

- Não irei me acalmar! Parece que no exército fazemos as coisas sem pensar, engolimos qualquer coisa que nos seja ordenada! Nós nem sabemos por que essa maldita guerra começou, pelo amor de deus!!

- Sexo – disse Viktor com um sorriso no rosto. Essa guerra começou por causa de sexo, guri.

- Como?! – surpreendeu-se Gregor.

- Franz Ferdinand, Sophie Chotek e Gavrilo Princip. Como vocês devem saber, Franz Ferdinand, o arqueduke da Áustria foi assassinado ano passado. Em 1895, Ferdinand casou-se com Sophie Chotek, porém antes mesmo de seu casamento, ela costumava se encontrar com Gavrilo Princip – que suspeita-se, seja parte da Mão Negra. Acontece que ela não parou de se encontrar com ele após o casamento e, num furor de ciúmes, no dia 28 de junho de 1914 Princip assassinou Ferdinand em Sarajevo. Depois disso, houve uma série de eventos que culminaram nessa guerra. E cá estamos nós.

- Esqueçam essa história de que a Alemanha tem planos imperialistas de unificar a Europa economicamente sob a égide dos alemães – continuou Viktor. Ou o fato de que a Áustria atacou a Sérvia e a Alemanha invadiu a Bélgica e isso causou a guerra, isso é balela. Os soldados ficaram alguns segundos sem reação, enquanto que Viktor caminhava na direção de Gregor, furioso.

- Espero que não reste mais nenhuma dúvida, soldado Gregor – disse Viktor de forma ameaçadora.

- Na verdade senhor, eu ainda acho uma bobagem termos que vir buscar essa porcaria de lança.

Viktor aplicou um chute no estômago de Gregor arremessando-o longe.

- Moleque estúpido, bastardo! Como ousa questionar minhas ordens?! Ordens do Kaiser!! – gritou Viktor.

Gregor caiu com as mãos na barriga. Sua vista ficou turva de dor e o ódio cresceu no seu peito. Quando olhou para sua mão direita lá estava a Luger, já destravada e pronta para uso. Colocou-se de pé já a apontando para o sargento, que titubeou.

- Gregor! Você está passando dos limites. Baixe a arma – disse Lukas firmemente.

- Já estou cansado de sofrer abusos desse alcoólatra – falou com a voz bastante calma.

- Baixe essa arma, soldado – avisou Viktor.

- Ele tem razão, Gregor. Chega, você foi longe demais – falou Lukas já segurando a mão de Gregor, que por sua vez se desvencilhara facilmente e abriu fogo contra o amigo, atingindo-o com três tiros, um na cabeça e dois no tórax.

- Ninguém nunca mais vai me dizer o que devo ou não fazer – Gregor falou com os dentes cerrados.

Nisso, Siegbert aponta seu rifle para Gregor, furioso.

- Solte a arma, vagabundo!! Solte agora ou... – foi interrompido por um tiro vindo da Luger que lhe atravessou o crânio, penetrando por seu olho direito. Viktor começa a avançar para Gregor enquanto ele ainda olha Siegbert definhando até a morte.

- Alguém mais quer me dar ordens? – perguntou Gregor olhando fixamente o já cadáver de Siegbert.

- Bastardo de merda!! – gritou Viktor investindo contra Gregor, que por sua vez o alvejou no tórax.

Porém, isso não o deteve, ele continuou a avançar e alcançou facilmente Gregor com seu braço longo. Gregor atirou de novo contra a sua barriga e o outro tiro removeu a orelha do sargento. O sargento tirou Gregor do chão e aproximou o seu rosto ao dele.

- Você se acha macho com essa arminha na mão, não é mesmo?! Pois vou te dar uma lição, seu bostinha! – nisso Viktor começou a forçar o pescoço de Gregor para o lado, enquanto que esse desferia mais tiros no tronco de Viktor.

Essa situação se perdurou até que ecoou na mata o estalar da espinha de Gregor. Ambos caíram no chão. Gregor morreu pouco depois, seu último pensamento foi endereçado às alucinações que o zumbi lhe fizera ter alguns minutos antes. Já Viktor ainda foi levado de volta à base, porém, não conseguiu resistir aos ferimentos e faleceu na mesma noite.

Quanto à Luger, bem, ela voltou ao exército. Depois da guerra, fora vendida ao exército dos Estados Unidos.

* * *

- Dieter, estou ficando sem paciência, o que todas essas histórias têm a ver comigo ou minha família? – disse-me Jan irritado.

- Jan, entenda, eu não lhe abordei na saída da empresa aleatoriamente. Você tem uma participação no que lhe contei até agora.

- Explique-se.

- Bem, digamos que seu nome poderia ser Jan Princip.

- O que?? – Jan se sobressaltou.

- Sim, Gavrilo Princip estava realmente transando com a mulher de Franz Ferdinand, porém ele tinha a sua própria mulher – aliás, outras – porém, eram mulheres sem nome nobre, prostitutas em sua maioria. Uma delas era a preferida dele, Odette Wakemann era seu nome. Esta teve um filho de Gavrilo – olhei fixamente para Jan. Seu avô, meu caro.

- Como assim, caceta?!

- Sim, você é tataraneto de Gavrilo, afortunado. Está tudo interligado, não percebe? Franz Ferdinand nasceu aqui, em Graz. E foi aqui que eu encontrei você, Jan. Em seu nome está a mancha da morte de alguns milhões de pessoas. Pelo menos o sangue do seu sangue foi responsável pela guerra que formatou nosso mundo como o conhecemos hoje. Até que é animador pensar por esse lado, não?

- Não fale bobagens, seu contadorzinho de merda... – disse Jan, cético.

- Jan, com sinceridade, não me importo se você acredita ou não em mim. Eu sei da verdade e estou transmitindo-a, não ganho nem perco nada se você acreditar ou não, o azar é inteiramente seu – desdenhei. Bem, sem mais delongas finalizarei nossa noite com a parte final de meu relato, espero que o senhor esteja preparado para o desfecho.

- Você está fora de seu juízo normal, seu maníaco – falou Jan, mas parecia que na sua cabeça já começaram a brotar dúvidas de que eu estaria falando a verdade...

Estados Unidos, cidade de Camden, NJ, 1949.

Então, caro Jan, a Luger havia chegado ao Novo Mundo, na cidade que, em 2004 e 2005, ganhou o invejável título de “cidade mais perigosa dos EUA”, devido à sua alta taxa de criminalidade. Mas, voltando a 1949 (quando ela ainda não tinha esses problemas todos), mais especificamente no dia 3 de setembro, na esquina da Avenida Harrison e da 32ª, um caminhão de pães estava estacionado, e duas crianças brincavam na calçada. Mais à frente ainda na 32ª havia uma sapataria onde John Pilarchik estava trabalhando, aliás, suando para recolocar uma sola em um sapato, descendo um pouco mais a rua e dobrando a direita, na

Avenida Hayes havia a barbearia Hoover's onde Clark Hoover, o dono, cortava o cabelo de uma senhora de 62 anos de idade. Avançando nessa avenida existia uma taverna, cujo dono era um homem chamado Frank Engel. Na esquina com Avenida Reeves, havia uma farmácia, a farmácia dos odiados Cohen, que naquele momento atendiam a um corretor de seguros chamado James Hutton.

Ao lado dessa farmácia, morava um homem de 28 anos, alto, cabelos negros, magro, chamado Howard Unruh. Naquela manhã de 3 de setembro ele estava em seu porão à escrivania. Nela havia um retrato dele entrando em um tanque de guerra, tirada na Normandia, seu diário, que se fosse aberto seria possível ler registros de cada alemão que ele matara cinco anos antes, com detalhes do estado em que os corpos de encontravam após a morte, bem como uma minuciosa lista de pessoas – seus vizinhos - com os “pecados” de cada um deles e uma “ação corretiva” ao lado de cada um: “retaliação” aparecia depois de cada um dos nomes. Em cima da escrivania também estavam suas armas, que ele estava limpando naquele momento, mas por uma ele tinha flagrante predileção – a Luger. Costumava demorar-se a limpá-la, como se acariciasse a Parabellum num ritual muito particular.

Você deve saber, Jan, que o Estado não costuma ser muito caridoso com veteranos de guerra, até pelo fato do histórico de tais pessoas. Que serventia tem uma máquina de matar em uma sociedade fora de época de guerra, afinal? Com Howard não era diferente, tinha 28 anos, estava desempregado e tirava seu sustento de sua mãe, que trabalhava em uma fábrica na cidade. Vez ou outra fazia algum serviço comunitário para a Igreja. Ele era extremamente religioso.

- Howard, o almoço está na mesa – gritou Freda Unruh, mãe de Howard.

- Estou indo, mãe – respondeu do porão.

Depois do almoço, juntamente com um amigo de sua mãe, ele estava instalando um portão em sua casa, pois tinha que partilhar do portão dos vizinhos – os Cohen – para entrar em sua casa.

- Acho muito bom você colocar um maldito portão, Unruh. Não agüentava mais ter que fechar o nosso depois que você passava e o deixava aberto – disse Rose Cohen da janela da farmácia.

- Sim, senhora – respondeu Unruh educadamente.

Naquela noite subiu ao seu quarto e voltou a escrever no seu diário, dessa feita colocou que as pessoas insistiam em falar mal dele pelas suas costas, que já ouvira, de canto de ouvido, a expressão “garoto da mamãe” como se referindo a ele. Depois se colocou a limpar a Luger novamente.

No dia seguinte se dirigiu à Igreja, porém, não havia trabalhos a serem feitos. Decidiu confessar-se. Entrou na cabine e fechou a cortina.

- Padre...

- Sim, Howard?

- Eu estou com alguns pressentimentos estranhos ultimamente. Tenho tido pesadelos, coisas assim.

- Como assim, filho?

- Aqui as coisas são muito complicadas, na guerra era só mirar bem o canhão do tanque no nazista lazarento, apertar o gatilho e depois anotar no caderninho. Aqui existem muito mais coisas para se pensar. Não estou conseguindo, padre – falou e respirou fundo e continuou.

- Eu sonho com um garoto sendo enforcado por um homem careca de preto em uma fazenda, ele o eleva no ar com apenas um braço e o enforca com um pedaço de lençol. É terrível. Mas quando acordo não me sinto desconfortável com isso, fico extremamente calmo, sereno.

- Calma, filho. Você teve uma fase na guerra, foi muito bravo, defendeu a América contra o inimigo e voltou para casa. Se você sobreviveu à guerra, pode muito bem sobreviver aqui – aconselhou o padre.

- Eu queria que tivéssemos perdido a guerra – falou baixinho com ira nos olhos. Queria ver todas essas pessoas em campos de concentração sentindo o cheiro da carne de seus parentes queimando.

- Unruh! Nunca mais repita essa barbaridade. Vá pra casa, reze cinco pais-nossos e acalme-se.

Howard deixou a cabine em silêncio, mas não seriam cinco preces que o fariam mudar de idéia...

No dia 6 de setembro, quando voltava de uma sessão de cinema na Philadelphia, viu que seu portão novo havia sido roubado. Eram três da manhã. Furioso, foi para a cama.

No outro dia às oito da manhã, acordou e sentou-se na mesa para tomar o café da manhã com sua mãe.

- O que houve, Howard? Você está estranho, filho – pergunto sua mãe.

- Nada! Está tudo certo – falou Howard com um olhar frio sobre ela. Assustada preferiu não insistir no assunto.

Quando o relógio bateu 8 e meia, sua mãe saiu para trabalhar. Ele, por sua vez, subiu as escadas, colocou um terno e foi em direção da sua pistola predileta, a Luger. Esperou até as 9 horas – horário em que o comércio abre as portas – e saiu com a pistola e mais dois carregadores, totalizando 33 balas.

Chegou à esquina da Avenida Harrison com a 32ª, e como era de praxe, estava lá o caminhão de pães e as duas crianças brincando na calçada. Calmamente abriu fogo contra o motorista, a bala passou perto, no entanto não acertou o alvo. Muito assustado, o motorista preocupou-se em pegar as duas crianças e colocar dentro do baú do caminhão rapidamente. Howard não se incomodou, seguiu em frente pela 32ª, chegando à sapataria onde John Pilarchik estava trabalhando em um sapato infantil. Invadiu o estabelecimento e, a um metro de distância, disparou no estômago de John, para logo após atirar em sua cabeça, foi a sua primeira vítima com a Luger. Após isso, desceu a rua, dobrou à direita entrando na barbearia de Clark Hoover, que cortava o cabelo de um garoto de 6 anos, enquanto a mãe, Catherine Smith, esperava sentada em um sofá no fundo da sala. Entrou de surpresa.

- Tenho algo pra você aqui, Clarkie – disse Howard.

Clark tentou interpor-se à trajetória da bala, porém, sem sucesso. Atingiu a cabeça do garoto, o segundo tiro atingiu Clark no tórax. Ambos caíram no chão, o assassino deixou a loja com Catherine gritando por ajuda. Na saída, havia alguns garotos na rua que saíram gritando em desespero, disparou contra eles, enquanto às suas costas Catherine saía correndo pedindo por socorro com seu filho no colo. Ele errara os tiros contra os garotos, porém, não importava, eram apenas alvos incidentais. Enquanto caminhava, olhava para a Luger. Para ele era uma visão muito bonita, a arma irradiava uma aura avermelhada, como o ódio em seu peito. Por um momento lembrou novamente do garoto sendo enforcado na fazenda.

Desceu a Avenida Hayes em direção à taverna, porém, estava trancada. Deu dois tiros na fechadura, abrindo-a. Vendo Howard armado, os clientes se precipitaram em proteger-se atrás do balcão, enquanto que Frank Engel subiu as escadas para alcançar seu revólver .38, porém ao retornar com a arma, o atirador já não mais estava lá, contudo, saiu sem fazer vítimas. Estava mais preocupado com outros alvos. Ele recarregou a arma.

Chegou à farmácia e encontrou pela sua frente um conhecido seu, James Hutton, o corretor de seguros.

- Com licença, senhor – disse Howard polidamente.

Porém, James não se moveu e acabou alvejado pela Luger. Maurice e Rose Cohen – marido e mulher – subiram as escadas que levavam à casa, rapidamente. Ele os seguiu, e viu Rose tentar se esconder dentro de um armário. Ele desferiu três disparos na porta, e assim que a abriu, atirou novamente, dessa vez contra a cabeça de Rose. A mãe de Maurice, de 63 anos, também recebeu a sua bala fatal ao tentar acionar a polícia pelo telefone. Enquanto isso, Maurice saiu por uma janela que acessava um pequeno telhado na frente da casa; no entanto, Howard conseguiu alvejá-lo a ponto de deixá-lo gravemente ferido, o que ocasionou a sua queda na calçada. O portador da Luger desceu as escadas calmamente e acabou com a vida de um Maurice rastejante tentando escapar pela rua. O atirador estava se vendo com poucas balas, e retornou para a sua casa em busca de mais munição. No caminho, já era possível ouvir as sirenes ao longe. Ao adentrar a casa, cerca de 20 policiais cercaram-na.

Do outro lado da cidade, Freda recebeu a notícia das ações de seu filho, o desespero tomou conta dela. Alguns colegas tentaram acalmá-la, porém, ela deixara a fábrica rumando a esmo.

Na casa dos Unruh, Howard estava abrindo fogo contra os policiais, porém não obteve sucesso em acertar nenhum. Naquele momento já havia cerca de 50 policiais rodeando a casa, inclusive atiradores por sobre os telhados vizinhos. A polícia também atirava em direção a Unruh, no intuito de tirá-lo de casa, ou mesmo matá-lo.

A segunda tentativa foi de usar gás, atirando bombas pelas janelas da casa. Nisso, o telefone tocou. Howard atendeu com a voz calma.

- É Howard Unruh quem fala? – perguntou a voz no telefone.

- Sim, é Howard. Com quem você gostaria de falar, você ligou para quem?

- Unruh – respondeu. Era possível ouvir pelo telefone as vidraças se quebrando em virtude dos tiros dos policiais.

- Quem é você? O que você quer? – Howard queria saber.

- O que ele estão fazendo a você? – inquiriu a voz.

- Não fizeram nada a mim ainda. Mas eu fiz muito a eles – falou seriamente, mas com satisfação.

- Quantas pessoas você já matou?

- Eu não sei, eu não contei. Mas parece que foi um bom trabalho – falou sorrindo.

- Por que você está matando essas pessoas?

- Eu... eu não sei – disse Howard olhando para a Luger. Eu não posso... não posso responder isso agora. Eu estou muito ocupado. Terei que falar com você mais tarde, alguns amigos estão vindo me pegar agora.

O gás atirado pela polícia começava a se espalhar pela casa. Unruh começou a sofrer de dores lancinantes de cabeça, e caiu no chão.

Os policiais ficaram sem saber o que estava acontecendo, pois os tiros haviam parado e a fumaça havia acobertado qualquer contato visual que tinham previamente com assassino. Depois de alguns minutos, julgaram que ele estava desacordado e começaram a se aproximar da casa.

- Estou descendo! – Howard gritou de dentro da casa.

- Onde está a arma? – perguntou aos gritos o policial mais próximo.

- Aqui em cima da minha escrivadinha, eu estou descendo agora.

Os policiais o renderam e o levaram para a prisão. No caminho, os policiais o xingavam, quando mencionaram a palavra “psicopata”, apenas respondeu:

- Não sou psicopata, tenho uma mente normal.

Naquela manhã ele matou o total de 13 pessoas e feriu outra 13. Este foi considerado o primeiro ato de *killings spree* da história. Howard Unruh ainda vive nos dias de hoje e reside no Hospital Psiquiátrico de Trenton, e em mais de uma ocasião já disse que “teria matado mil pessoas, se tivesse balas suficientes para tal”.

* * *

- Quanto à Luger, meu caro Jan, veio aqui para Áustria – falei.

- Grande merda. Aliás, Dieter, está ficando tarde e eu tenho mais o que fazer. Adeus – disse Jan se retirando do Landhaus.

- Seu filho, Jan – comecei. Seu filho tem a Luger nesse momento, seu imbecil.

- Do que diabos você está falando? – perguntou Jan, retornando em minha direção.

- Você sabe que seu filho viajou para estudar na América, não? Porém, o que eu acho que você não sabe é que ele comprou certa pistola alemã por US\$37.50 em uma loja de armas. Ele tem a Luger, confie em mim.

Jan parou na minha frente, olhando-me nos olhos.

- Como você sabe de tudo isso? Como você pode saber de todos os detalhes, de cada coisa que essas pessoas disseram, até mesmo sentiram? Como pode?

Dei uma pequena risada.

- Você sabe o “problema” que a Deutsche Waffen und Munitions teve para produzir a Luger que estamos falando a noite inteira sobre? – perguntei retoricamente para depois continuar.

- Ah! Bem, esse problema fui eu. Eu fui a primeira vítima da Luger. Eu trabalhava na Deutsche Waffen und Munitions. No turno da noite. Quando eu estava lixando uma de suas rebarbas, o rebolo estourou e os estilhaços me atravessaram facilmente. Um simplório acidente de trabalho. Eu estive por perto da Luger todo o tempo, não tenho como evitar saber. Eu não queria saber de tudo isso, mas não é escolha minha.

- Ah, tá bom... – disse Jan cético, debochando de mim.

Nisso, abri minha camisa mostrando quatro rasgos que atravessam meu corpo no peito e estômago. É possível ver minhas costelas, bem como o funcionamento de alguns órgãos internos. Jan ficou boquiaberto, sem acreditar. Depois se sentou na calçada com as mãos na cabeça, ainda num esforço para processar todo aquele horror.

- Jan, levante-se, homem. Nós precisamos alcançar seu filho ainda hoje, ele está a beira de cometer alguma atrocidade com aquela arma. Ele está na base militar nos limites da cidade, correto? Será essa noite, eu posso sentir. Temos que impedi-lo de qualquer forma. Temos que destruir a Luger essa noite.

Lentamente Jan se levantou, balançando a cabeça concordando.

- Sim, meu filho Alan. Oh, Deus. Vamos... Vamos – falou já enchendo os seus olhos de lágrimas.

Um barulho de palmas vagarosas interrompe nossa correria. Um senhor totalmente careca, com casaco grosso preto está sentado em um banco a poucos metros dali. Está acompanhado por um par de gatos pretos e um corvo se apoiava em seu ombro. Paramos assustados com aquela visão. Era Ludwig Loewe.

- Uma história incrível, um discurso motivador, um parceiro fiel. Não esqueça a capa, Dieter. Sem ela você não pode voar, estou certo? – disse Ludwig sorrindo.

- Quem é esse desgraçado? Vamos embora, Dieter, não temos tempo a perder – disse Jan me puxando, e eu não consegui tirar os olhos da figura nefasta em nossa frente.

- Dieter? – perguntou Jan.

- Fodeu, Jan – falei sem tirar os olhos de Ludwig.

Ludwig levantou-se e caminhou em nossa direção. Alguns ratos caíam de dentro de seu casaco. Sua presença traz um frio incômodo, sentimos também um eriçar dos nossos cabelos na nuca.

- Eu tive que enforcar, matar, mutilar, influenciar e enganar incontáveis pessoas para chegar até aqui. Você achava mesmo que eu deixaria um idiota como você e um reles macaco como ele estragar as coisas? Você me insulta me subestimando dessa forma – falou ameaçadoramente.

- Quem é esse bosta, Dieter? – perguntou-me Jan novamente ensaiando uma agressão contra Ludwig, contudo antes de ele se mover eu o contendo com meu braço esquerdo, ainda sem tirar os olhos de Ludwig.

- Ludwig, é o meu direito libertar-me dessa prisão em que estou existindo – falei firmemente escondendo meu medo.

- Ah, então sendo assim, acredito que deveria deixá-lo seguir seu caminho, correto? – riu ele. Você não passa de um engano, algo que não deveria ter acontecido. Se bem que você foi um belo começo para nós. Ela rejubilou-se em tirar-lhe a vida. Maldito filho da puta, ele não poderia ter aparecido. Não agora.

- Primeiramente, deixe-me cuidar de seu parceiro-mirim, seu inútil – Ludwig virou-se para Jan, que se assustou apenas com esse ato. Em quatro minutos seu filho irromperá em uma fúria assassina assim como aquela que acometeu seus antecessores. Ela se iniciará onde monta guarda nesse momento e depois de dirigirá à sua moradia. Será um extermínio lindo, acredite.

Jan arregalou os olhos e colocou-se a correr desesperadamente em direção à base. Ludwig se voltou a mim.

- Agora quanto a você, seu pedaço de cuspe imprestável... – falou enquanto agarrou a minha cabeça girando-a, desacordando-me.

Depois de um tempo dormente no escuro lado da sonolência, consigo abrir meus olhos, minhas pernas doem enormemente, bem como meu braço esquerdo. Vejo que estou em uma caverna, próximo a um lago subterrâneo, estou pendurado pelo braço em uma árvore negra, desprovida de folhas. As paredes, a água, o chão, tudo tem uma coloração verde acinzentada. Olho para baixo... Deus, não... Não pode ser verdade... Ele me partiu ao meio, arrancou meu braço esquerdo e me pendurou aqui. Do meu tórax só restou a espinha dorsal, desenhando uma cauda obscena para meu peito. Meu pescoço está quebrado também. Ludwig está no chão na minha frente. Depois de algum tempo e esforço, consigo falar com uma voz débil.

- Ele não... conseguiu... não é mesmo?

- Não, claro que não. O seu filho o matou, assim como toda a família e alguns de seus colegas soldados. Um primor de garoto, se você me perguntar. Pena que foi morto a tiros pelas autoridades.

Deixo escapar uma lágrima de meus olhos, tentei evitar, mas não consegui, pois sei que ele deleitar-se-ia com isso.

- Bem, Dieter, acho que nossa longa história acaba aqui, tenho negócios a conduzir em outro lugar. Se por acaso algum dia você consiga descer daí, boa sorte tentando achar as suas pernas, eu as deixei em algum lugar dessa caverna, hehe.

Depois ele vira as costas e me deixa por minha própria conta.

Sei que a Luger está já nas mãos de outra pessoa, não consigo deixar de enxergar as mortes, as balas perfurando a carne. Não consigo.

Maldito dia em que aceitei aquele emprego, maldito dia. Cuspo sangue de ódio.

Mas ainda não acabou, não desistirei. Só tenho que me livrar desses nós e achar minhas pernas. Então, recomeçarei tudo de novo.